

## RELAÇÃO TRABALHO X CONSUMO: desafios para a contemporaneidade

Maria Leila Sales<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto explora a relação estabelecida entre consumo e trabalho, observando seus rebatimentos nas relações sociais e de produção, onde assume papel desarticulador entre os trabalhadores. Considera ainda que, para melhor compreender tal processo, é preciso destacar o papel da sociedade globalizada e a atuação dos fluxos tecnológicos, o que possibilita a criação de novas formas de empregabilidade e diminuem de forma perversa a inclusão de mais trabalhadores no mercado. Esse processo exige o reconhecimento, por parte de pesquisadores, dos desafios trazidos pela sociedade global que forçam a redefinição de políticas públicas para o enfrentamento da questão social.

Palavras-Chave: trabalho, consumo, globalização, territorialidade.

### ABSTRACT

This paper explores the relationship established between consumption and work, showing its influences over the social and production relations, where it assumes a disarticulating role among the workers community. It also considers that in order to achieve a better understanding of this process it is important to emphasize the role of the global society and how the technologic flows operate, allowing the creation of new ways of employability and drastically decreasing the insertion of new employees in the labor market. This process requires that the researchers recognize the challenges brought by the global society which enforces the redefinition of public policies in order to face the social matters.

Keywords: labour, consumption, globalization, territory

## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto , teve como ponto de partida, dados de pesquisa desenvolvida durante a graduação, e que investigava a trajetória dos portadores de deficiência em busca do emprego no município do Rio de Janeiro. Durante sua realização, foi possível identificar variáveis que agiam enquanto catalisadores do processo de exclusão desses trabalhadores, e que somados, resultavam em um uma realidade ainda mais perversa para essas populações. Dentre esses aspectos/variáveis, a questão da chamada sociedade de consumo assumiu papel preponderante no que diz respeito ao lugar ocupado pelo trabalho, pelo labor, na vida e nas relações sociais dessas pessoas; justamente por atuar como elemento desarticulador, acentuando características como individualismo e perda da identidade de classe. Nesse sentido busquei ampliar a pesquisa, não enfocando apenas os trabalhadores

---

<sup>1</sup> Socióloga, Mestranda de Serviço Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

portadores de deficiência, e ao iniciar o mestrado, tive a oportunidade de aprofundar a discussão, através do contato com nova bibliografia acerca das mudanças no mundo do trabalho, onde era discutido principalmente, a atuação e os resultantes do avanço desse processo, na sociedade contemporânea. A esse respeito vale destacar autores como Richard Sennet, que, ao discorrer sobre o conceito de paixão autoconsumptiva, traz a reboque, substratos para o avanço na discussão e reflexão de questões como, por exemplo, as mudanças no perfil dos trabalhadores, sobretudo no que tange à perda do sentido de unidade e de representação de classe. É importante ressaltar que, a processualidade até aqui descrita, se dá ao mesmo tempo em que ocorrem modificações significativas na configuração do papel do Estado e da sociedade, que exigem, certa forma, a reorganização dos territórios e das cidades inseridas no contexto global. Vale destacar, a atuação das novas tecnologias, bem como dos fluxos tecnológicos, que possibilitam a criação de um espaço imaterial, que produz por sua vez, novas formas de socialização e urbanização. Esse processo exige, portanto, o reconhecimento por parte de pesquisadores, das novas espacialidades da sociedade global, que forcem a redefinição de políticas públicas para o enfrentamento da questão social no contexto de mundialização e globalização. Para tanto, é pertinente, mais uma vez enfatizar os efeitos do consumismo e da globalização na realidade até aqui citada, constituindo-se esse artigo, como tentativa de colaborar para a melhor compreensão desse fenômeno, bem como seus rebatimentos no mundo do trabalho e das relações sociais.

## **2 PAIXÃO AUTOCONSUMPTIVA X TRABALHO: desafios para a contemporaneidade**

É preciso reconhecer que a máxima “Tudo o que é sólido desmancha no ar” dita por Marx há cerca de 160 anos, continua a valer, porém revestida por outros elementos que catalisam o processo de fragmentação da sociedade e do aumento das desigualdades. Nesse processo, o consumo assume papel crucial, configurando-se como novo cerne do capitalismo contemporâneo, bem como de sua nova economia. Nesse sentido, vale observar a forma como o novo cenário mundial distancia-se da descrição feita por Marx sobre o papel ou o significado das coisas materiais. Para o autor, as mesmas eram impregnadas de significados humanos acumulados numa espécie de museu pessoal, do qual o consumidor não gostaria de abrir mão, muito diferente dos dias atuais, onde abrir mão, desfazer-se de um bem, tornou-se sinônimo da busca de novos estímulos, pois habita uma sociedade cada vez mais homogeneizada e que tende à repetição, acentuando com isso, sua instabilidade. Operam ainda nessa contemporaneidade, mudanças significativas no interior do capitalismo atual, dentre elas, é possível identificar ondas de

desburocratização e simplificações das estruturas organizacionais, tidas inclusive pelo próprio Marx como cruciais para a construção de uma sociedade mais justa. A esse respeito, o autor fez críticas ferrenhas, sobretudo em relação à burocracia, para ele identificada como um instrumento de dominação social, através do qual a classe dominante manipulava as outras classes. Rechaçava o papel do Estado burocrático, que tinha para ele, como principal tarefa, a imposição de uma ordem social que consolidava e perpetuava o controle, utilizando-se para isso, a prerrogativa da defesa dos interesses gerais. Para ele era apenas na união entre as armas materiais e as intelectuais que haveria a possibilidade do surgimento ou da emergência do homem verdadeiramente livre, sendo, portanto, fundamental a supressão da burocracia, pois acreditava que os conflitos presentes na sociedade, não poderiam ser resolvidos por meio de uma política estatal, mas através do rompimento com a estrutura de classes para a qual o Estado burocrático aparecia como representante maior. Porém, essas ondas de desburocratização e mudanças na organização capitalista contemporânea não surtiram para autores como Sennett, os efeitos esperados por Marx. Ou seja, ao invés de trazerem tempos mais livres e autônomos para a sociedade, acabaram surtindo efeito inverso “Deixaram os indivíduos sem chão, permanentemente às voltas com o fantasma da inutilidade ou do fracasso.” (SENNETT, 2005).

No entanto, vale destacar, que o aspecto mais relevante dessa nova configuração do capitalismo, segundo esse autor, talvez seja o fato de que a reboque do avanço da cultura consumista, entram em cena novos padrões de comportamento, baseados, sobretudo na superficialidade e no desperdício, fenômeno que também se alastrou para o mundo do trabalho. Outro aspecto bastante relevante desse processo é o fato de que o capitalismo atual está destruindo a essência do conceito de cultura, grande fomentador de ações coletivas, muitas vezes originadas de ações pessoais, que por sua vez, resultam em grande articulação social. Um exemplo disso é apontado por Sennett, para quem o surgimento de um montante de riqueza no alto da ordem social vigente é bastante claro, porém, mais relevante, é a constante e acentuada divisão de classe presente entre os que se beneficiam com essa nova economia e os que não conseguiram tal feito. Nesse cenário, observa uma diferença que se estabeleceu entre os trabalhadores durante esse processo, que é a criação de um status ou mesmo uma subdivisão entre os trabalhadores imigrantes e os chamados “tradicionais” nos países europeus mais desenvolvidos economicamente. Ressalta ainda, a falta de perspectiva de ambos, o que gera forte tensão no sistema econômico, e que vai resultar no que o autor chamou de ressentimento, entendido como uma emoção intensamente social, relacionada a perdas de direitos e postos de trabalho conquistados ao longo do tempo pelos indivíduos e que os afasta de suas origens econômicas, ressurgindo sob a forma de sentimentos de vingança contra os

chamados inimigos internos, que estariam roubando recompensas sociais as quais não teriam direito.(imigrantes). O autor entende que a nova ordem institucional se exime de responsabilidades, através de um falso conceito de liberdade, e que ao mesmo tempo encontra-se alojado em um conceito de política que prima pela indiferença. Assim, verifica-se que essa nova economia atinge de forma contundente a própria política, pois a idéia do consumo exacerbado reprime e desconfigura de forma significativa a democracia, alimentando por outro lado o individualismo, desgastando com isso, o conteúdo e a substância da política. No entanto, hoje, tais considerações assumiram novos contornos, mais ligados à vida cotidiana que à teoria, em virtude do próprio significado da palavra consumo. E é aqui que entra a paixão autoconsumptiva, onde a imaginação e a expectativa são mais fortes, que o próprio uso do produto desejado. A compulsão e o desperdício se combinam nesta paixão, que teve duas explicações no século XX, uma voltada para o papel maléfico do marketing, que moldaria os desejos das pessoas, e a outra voltada para a crítica a produção dos produtos, que deveriam ter vida curta. Para o autor, ambas explicações partem do princípio do consumidor passivo, porém, destaca que, a nova sociedade ao promover mudanças no mundo do trabalho, produziu também, uma tecnologia de busca do talento. Porém, as organizações que gerem essa tecnologia usam os mesmos instrumentos para uma finalidade mais ampla: não só promover, mas também “eliminar indivíduos”, argumenta. Dessa forma, o contexto moderno confere ao talento contornos presentes na paixão autoconsumptiva, valorizando não o que cada um realizou ou acumulou, mas, sim, se o sujeito tem recursos internos para se adaptar à velocidade com que os novos cenários se abrem e se fecham. Em outras palavras: interessa saber se o indivíduo é capaz de abandonar a si mesmo e sincronizar com aquilo que dele esperam. Esse abandono exigido dos trabalhadores, nada mais é, que uma contingência da nova economia global, que conduz a sociedade para novas formas de organização e que tende a concentrar e fortalecer o mercado financeiro e dispersar de forma avassaladora, as atividades produtivas e econômicas.

### **3 PERSPECTIVAS DO TRABALHO NA SOCIEDADE GLOBAL**

É possível então, observar nesse processo, talvez seu aspecto mais impactante: a “desconexão” da realidade local em consequência da “conexão global”, ou seja, as populações locais sofrem diretamente os efeitos dessa nova economia global, surgindo com isso, novas formas de estar na exclusão. Assim, conceitos como mobilidade, passam a assumir nova configuração, fundamentalmente para as elites globais, para quem a mesma passa a ser um fator de estratificação humana, definindo principalmente, o lugar das

peças no mundo. Ou seja, a exemplo das afirmações de Sennett, a capacidade de se adequar às novas situações impostas pelo mercado, é que define então, a posição que o sujeito ocupará na ordem social. A esse respeito, autores como Bauman, (2002), apontam para a existência de novas territorialidades descoladas do local, territorialidades essas, que não são físicas, e não possuem uma corporalidade, o que faz com que a realidade passe a ser vista sob novos critérios de elegibilidade e permeadas por novas relações de poder. Para Sennett, nesse cenário, a paixão autoconsumptiva encontra uma adequação perfeita, justamente por preconizar o talento e a individualidade, que nada mais são, que formas culturais que cultivam a mudança pessoal, mas não o progresso coletivo. O autor considera o surgimento de um novo ethos, que estaria transformando muitas vezes, pessoas em reféns; seja enquanto alienadas durante o processo de produção, enquanto consumidoras ou enquanto excluídas do próprio processo de consumir. Tendo rebatimentos inclusive na utilização do seu tempo livre, agora usado muitas vezes na busca da satisfação das novas necessidades criadas durante esses processos e em virtude do próprio significado que a palavra consumo assumiu. Essas e outras mudanças presentes no mundo do trabalho poderão ganhar maior compreensão se se passar a considerar também, e talvez principalmente, o novo cenário que despontou há algum tempo e, que hoje, assume proporções ainda mais acentuadas, sobretudo pelos efeitos trazidos pelo alto fluxo tecnológico, bastante sentido nas relações de produção, exigindo com isso, a reorganização do sistema produtivo, que passa a ser norteado pela economia global. Essa nova realidade traz rebatimentos perversos, principalmente para a população que não usufrui de condições para acompanhar as mudanças desse processo, tanto no âmbito do trabalho, quanto das relações sociais e de produção, o foco está voltado para um novo tipo de “sociabilidade”, que além de privilegiar um modo de vida baseado no consumo, dita novas formas de organização, das cidades e dos espaços.

A esse respeito, Ana Clara Torres, (2004), fala inclusive do surgimento do “capital territorial”, ou seja, de acordo com essa nova configuração social, globalizada e mundializada, ocorre acirrada disputa por parte das elites e da população excluída em busca de novas formas de lucro por parte da primeira, e de novas estratégias de inserção e sobrevivência por parte da última. Todo o processo até aqui descrito, desencadeou novas formas de associativismo e socialização, que inserido no contexto globalizado, altera as relações de poder local e inclusive entre as elites, possibilitando com isso, o surgimento de novas hegemonias. E é justamente através do surgimento dessas novas hegemonias que se pode identificar o modo como as políticas públicas e sociais estão sendo estruturadas, visando principalmente os interesses globais em detrimento das comunidades locais. Nesse sentido, o trabalho assume também características baseadas neste novo modo de produzir, onde as barreiras territoriais foram abolidas, podendo com isso, promover mudanças

profundas nas localidades em que se instalam ou que abandonam em virtude de novas perspectivas de lucro. Para Baumann, (2003), a relação global/local foi estabelecida de modo bastante próximo, como se fazendo parte de uma mesma moeda. Ressalta, porém, a separação permanente entre as partes dessa moeda onde as pessoas somente conhecem seu lado, sem tomarem conhecimento da outra face. Partindo das análises feitas por Roland Robertson acerca dessa questão, o autor utiliza-se do termo glocalização para complementar sua argumentação:

Alguns são cidadãos do mundo, outros estão amarrados ao seu posto . A glocalização é em primeiro lugar e antes de tudo, uma nova repartição de privilégios e de privação de direitos, de riqueza e pobreza, de possibilidades e de falta de perspectivas, de potência e impotência, de liberdade e ausência da mesma. Poderia dizer-se que a glocalização é um processo de neo-estratificação mundial, no curso da qual vem sendo construída uma nova hierarquia sócio-cultural mundial e auto-reprodutora. O que para uns é uma escolha livre, para outros é um destino implacável e impiedoso. Isso porque os primeiros crescem em concentração de poder, riqueza e conhecimentos e os segundos crescem continuamente de número e se aprofundam cada vez mais no desespero, provocado por uma existência privada de perspectivas (Bauman, 2003).

Ainda fazem parte do processo de glocalização/globalização, a forma assustadora e crescente da desestruturação das empresas, e de modo mais amplo, das economias locais e regionais, o que resulta, no aumento expressivo do desemprego e do surgimento de novos postos de trabalho.

#### **4 CONCLUSÃO**

Foi possível observar durante a exposição do presente texto, o processo pelo qual as políticas públicas e urbanas foram sendo moldadas para atender aos interesses do mercado e da economia global. É preciso que se diga, que este fato não se limita somente ao Brasil ou aos países tidos como periféricos economicamente; trata-se de um fenômeno mundial, embora se manifeste de forma mais acentuada nessas localidades. É flagrante nesse processo, a apropriação (em alguns casos, quase total) da realidade local, pelo modo de organização e gestão global, dessa forma, trabalhadores de boa parte do planeta viram sua realidade transformada em curto espaço de tempo. Pode-se somar ainda, o avanço do que talvez seja o “novo fetiche da mercadoria”, caracterizado pelo avanço da ideologia de consumo, que privilegia como já dito, ações individuais, retirando seu sentido social e coletivo. É possível afirmar ainda que, a desarticulação entre os trabalhadores aqui citada, reflete, provavelmente, a dinâmica da globalização, que busca conectar apenas fragmentos das sociedades, destituindo com isso, a comunidade local, criando o que se poderia chamar de espaço imaterial. Esse processo conduz ao surgimento de novos tipos de sociabilidade,

provocando transformações profundas na vida e no cotidiano das pessoas. São essas mudanças e seus efeitos na vida dos trabalhadores e de suas comunidades que o presente texto procurou localizar e identificar, destacando a forma como essas intervenções externas diluem e enfraquecem os laços locais, acentuando-se principalmente no que diz respeito ao trabalho e a sobrevivência das pessoas. No caso brasileiro, é preciso considerar a exemplo de Milton Santos (1999), o fato de que as elites nunca apregoaram de forma veemente a criação e o cumprimento dos direitos de forma ampla, defendendo outrossim, privilégios corporativos. Dessa forma, viu-se durante longo período, ensaios para a implantação de uma política social mínima, oscilar entre os interesses de um poder local, patrimonialista, e as necessidades reais da população. Ao cenário contemporâneo, veio somar-se ainda os desafios trazidos pela nova sociedade global, conforme afirma Cohen (2002), as políticas urbanas (e aqui acrescento as sociais), estão cada vez mais associadas ao modo de produção global, que privilegia intervenções localizadas, com o objetivo de conectar não a comunidade ou a localidade, mas apenas fragmentos desses espaços. Como conseqüência, há um intenso poder de destituir o local, redefinindo o uso social do espaço em benefício das sociedades globais Cohen (2002). Vale considerar, conforme assinala Almeida (2002) que, esta aparente ausência de saída, abre necessariamente o pano da história à capacidade da invenção humana para pensar a reprodução social e debelar o risco da desestruturação social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Helena Tenório. **Caminhos e Descaminhos da Reprodução Social**. In: O Social em Questão, Revista do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social Vol 8 Nº8, PUC/R. J. 2002.

BAUMANN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

EGLER, Tamara Tania Cohen. **Políticas Urbanas Globais para Espaços Locais**. Economia Sociedade e Território, v. 5, n. 17

MARX, K. O Capital, **Crítica da Economia Política**, vol. I Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **O capital**, vol. III Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

RIBEIRO, A. C. T. ; SILVA, C. A. **Impulsos globais e espaço urbano: sobre o novo economicismo**. In: Ana Clara Torres Ribeiro. (Org.). El rosto urbano de América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal Rio de Janeiro, Record, 2001.  
SENNETT, Richard. A Cultura do Novo Capitalismo, São Paulo, Record, 2006